

Boletim

Nº 1.984 - Ano 43 - 3 de julho de 2017



Acervo Clube da Esquina

CANÇÃO AMIGA

A trajetória dos artistas do Clube da Esquina, o contexto social e político da época de sua criação e as influências dos movimentos com os quais dialogava entre 1972 e 1978 compõem os eixos da mostra *Canção amiga – Clube da Esquina*, que será inaugurada neste mês no Espaço do Conhecimento UFMG. A exposição é resultado do trabalho do Centro de Referência da Música de Minas (CRMM/UFMG), que investiga as sonoridades produzidas no Estado.

Páginas 4 e 5

Capa do álbum Clube da Esquina, de 1972

Montes Claros sediará
SBPC Educação nesta semana

Página 3

GANDARELA: território ecológico ou minerário?

Vagner Luciano de Andrade (*)

A região do Gandarela, localizada no Quadrilátero Ferrífero mineiro, passa por um marco civilizatório que mudará seu destino. Amplas discussões sobre a unidade do seu território convergem para uma oposição: ecologia ou mineração? A localidade e entorno se destacam pelo potencial ecológico, cultural e turístico, embora a história dos homens tente validar outros viés, menos justo, solidário e sustentável. Atualmente, a região encontra-se no centro de um amplo debate sobre seu futuro: parque nacional ou cratera minerária?

Um parque nacional atende a toda uma demanda social e dinâmicas coletivas. Da mineração, não se pode dizer o mesmo. Desde a sua descoberta, a região certamente foi incorporada ao modelo colonizador colonial português. Na área existem registros históricos sobre as diversas empreitadas em busca de metais preciosos e que deram origem a inúmeros povoados, distritos e cidades no entorno: Barão de Cocais, Brumal, Cocais, Itabirito, Morro Vermelho, Nova Lima, Ouro Preto, Rio Acima, Santa Bárbara, entre outros.

Antes dessa corrida maluca, o território era sabiamente apropriado pelos indígenas, possivelmente do grupo dos Aimorés, pejorativamente chamados de botocudos em decorrência de seus adereços e de sua fama de antropófagos. Essa informação parte do princípio de que toda a Bacia do Rio Doce, denominada de “Mato Dentro”, era território ancestral deles e tinha status de “impenetrável” em decorrência da densa, fechada e úmida mata atlântica. E parte do que restou dessa mata atlântica, hoje penetrada pela ambição humana, é o que sobrou na região da Serra do Gandarela, os últimos e mais expressivos fragmentos florestais de Minas Gerais, que precisam efetivamente ser preservados.

O potencial aurífero e minerário dessa região do Quadrilátero Ferrífero já é conhecido e descrito há tempos. O empresário industrial Henrique Lage, nascido em 14 de março de 1881, no Rio de Janeiro, onde viveu até sua morte em 2 de julho de 1941, foi um dos primeiros a descobrir as riquezas desse rincão brasileiro. Pena que sua visão tenha incentivado apenas os setores industriais, como a mineração e a aeronáutica, e não aqueles fundamentais para a preservação da natureza. Hoje ele é homenageado ao emprestar seu nome a um dos parques urbanos da capital fluminense. Triste constatação ou infeliz coincidência? São dele também as primeiras ações para minerar a região, empreendidas da então capital nacional. Foi ele o fundador da Companhia do Gandarela.

No fim da década de 1910, Henrique Lage já planejava a construção da estrada de ferro. Em 1922, o presidente dos Estados Unidos do Brasil, Epitácio Pessoa, atendeu ao seu requerimento, prorrogando, por três anos, o prazo para a conclusão da construção de um entroncamento na Estrada de Ferro Central do Brasil. A intenção do novo ramal naquela ferrovia era escoar riquezas a partir da região das minas do Gandarela, no município de Santa Bárbara, até a estação Aguiar Moreira. Não há registros de conclusão, pois essa intenção parece ter ficado apenas no projeto e no plano das ideias. O Gandarela ficou em relativa paz por duas décadas até começar processos legais de autorização de pesquisa mineral na respectiva cordilheira. Buscava-se naquela serra tudo o que pudessem existir e ser comercialmente aproveitado, incluindo elementos minerais impossíveis de ser encontrados em seu território, dada sua litologia, geomorfologia e história geológica.

Data de 1945 a autorização de Getúlio Vargas para que a empresa Companhia de

Mineração e Siderurgia do Gandarela pesquisasse linhito em uma área de 900 hectares delimitada por duas fazendas, Mato Grosso e Gandarela. Na mesma data, também foi autorizada a pesquisa de minério de ferro no município vizinho de Nova Lima, no Estado de Minas Gerais. Isso demonstra a dimensão do recorte geográfico ambicionado por Henrique Lage. Em março de 1946, a Organização Henrique Lage empreende novas tentativas de mineração e siderurgia em terrenos situados nos lugares denominados Gandarela e Manuel José, ambos no Distrito de Conceição do Rio Acima. Essa tentativa incluía o calcário, minério não existente na área de domínio geológico e geomorfológico da região. A autorização de novas pesquisas de calcário e elementos associados no Gandarela, expedida por Eurico Gaspar Dutra, foi empreendida numa área de 478 hectares, delimitada pela confluência do córrego da Cachoeira ou do Moinho com o ribeirão Gandarela.

O que se sabe é que os olhos urbano-industriais capitalistas do sistema socioeconômico então vigente se multiplicaram na região com inúmeros registros de lavras e processos subsequentes de autorização de pesquisa ou extração mineral. Isso se efetivou nas décadas de 1950 até 1990, consolidando inúmeros empreendimentos minerários na Serra do Gandarela, com dimensões e impactos variáveis. No limiar do século 21, essa região ímpar do Quadrilátero Ferrífero tem novamente seus meios ambiental, cultural e social comprometidos por grandes empreendimentos. Destaca-se aí o Projeto Apolo da Vale, que ameaça um mosaico único de ecologia, patrimônios, paisagens e identidades de relevância não apenas local, mas global. O destino está traçado.

* Educador e mobilizador da Rede Ação Ambiental, com formação em Ecologia, Geografia, Magistério, Patrimônio e Turismo

AMBIENTE de TROCAS

SBPC Educação em Montes Claros vai articular, neste fim de semana, experiências da academia com a área prática

Ana Rita Araújo

O campus da UFMG em Montes Claros vai receber, nesta semana (6 e 7 de julho), o evento SBPC Educação, que precede a realização da 69ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que será realizada de 16 a 22 de julho, no campus Pampulha. A programação será aberta na manhã do dia 6, com conferência do ex-ministro da Educação e professor da Universidade de São Paulo, Fernando Haddad. Ele vai abordar a gestão de políticas públicas para o setor.

Segundo a professora Maria Isabel Antunes, da Faculdade de Educação (FaE), que coordena a comissão organizadora, o SBPC Educação “constitui um território de troca de experiências entre a academia e a área da prática educacional”. O evento vai reunir 650 participantes, entre profissionais que atuam em educação básica em municípios mineiros, representantes de movimentos sociais e pesquisadores de diversos estados. Os educadores foram inscritos pelos parceiros envolvidos na realização do evento – a Secretaria de Estado de Educação, secretarias municipais e instituições que têm histórico de colaboração com a UFMG em projetos de extensão e de graduação, via Universidade Aberta do Brasil (UAB).

A escolha do Instituto de Ciências Agrárias (ICA) para sediar o evento não se deveu somente à existência de uma estrutura capaz de abrigar as dez mesas-redondas, a apresentação de pôsteres e a realização de oficinas: “Montes Claros é uma cidade-polo que envolve também o Jequitinhonha e o Vale do Mucuri, representando assim a região Norte, a maior de Minas, com muitos desafios e experiências inovadoras”, enfatiza Isabel Antunes.

Estímulo

Para a coordenadora da comissão, trata-se de importante oportunidade para que os cientistas da área de educação debatam os resultados da sua pesquisa com a comunidade escolar. Das 650 vagas, 250 serão preenchidas por professores, analistas e pedagogos de todas as 47 regionais de ensino de Minas Gerais, mas com percentual relativamente maior de representantes dos municípios de Pirapora, Januária, Janaúba, Almenara, Araçuaí e Montes Claros, como informa a professora Cecília Cristina Resende Alves, da Superintendência de Juventude, Ensino Médio e Educação Profissional da Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica do Estado.

Ao lembrar que, em geral, a pesquisa em educação chega ao Norte de Minas apenas pelos livros, Cecília Alves destaca a importância de um evento que vai proporcionar o contato dos educadores com os pesquisadores. Esse contato, em sua opinião, estimula estudantes e profissionais a dar seguimento à sua formação acadêmica. “Sobretudo porque as mesas-redondas vão tratar de temas altamente relevantes na discussão da reforma do ensino médio que estamos iniciando no estado”, afirma. Os debates sobre a reforma devem começar no SBPC Educação e terminar em novembro, em conferência estadual que será realizada em Belo Horizonte.

Cecília Alves chama a atenção para a diversidade das mesas-redondas: “Conseguimos uma composição diversa, com olhares da academia, de gestores e de movimentos, o que vai possibilitar boas discussões de temas como gênero, inclusão, educação indígena e diversidade”, prevê.



Aluna se prepara para o Enem na Bahia: reforma do ensino médio é um dos eixos do evento

Suami Dias/GOVBA/Fotos Públicas

O professor Charles Martins Aguilar, que também integra a comissão organizadora, afirma que o evento proporciona um momento importante para a comunidade do ICA, uma vez que os temas das mesas-redondas “atendem muito bem às nossas propostas de educação no campo, inclusão e educação profissional”. A intenção, diz ele, é ampliar a aproximação entre sociedade e universidade, em discussões sobre educação, “tema fundamental para todas as áreas, e a SBPC vem somar forças no mesmo sentido”.

As dez mesas vão tratar dos temas Reforma do ensino médio, Educação integral e juventude, Educação: linguagens, tecnologia e novas mídias, Educação do campo, Educação, populações quilombolas e indígenas, Base Nacional Comum Curricular, Educação e democracia – gênero e sexualidade, Perspectivas da educação profissional, Educação de jovens e adultos e Educação especial e inclusão escolar.

Pôsteres

Outro aspecto relevante do encontro será a mostra de pôsteres, que reunirá trabalhos desenvolvidos em 14 escolas da rede estadual e 14 das redes municipais da região. Os pôsteres retratam tanto trabalhos acadêmicos realizados por professores e estudantes quanto projetos aplicados nas escolas, destinados às comunidades. “Será um momento muito importante, porque representa a possibilidade de a comunidade conhecer e reconhecer o trabalho desenvolvido nas escolas”, afirma a representante da Secretaria de Educação de Minas Gerais.

Na tarde do dia 7, após a última mesa-redonda, serão realizadas oficinas sobre temas variados que se alinham com a programação geral do SBPC Educação.

Além da Secretaria Estadual de Educação e de entidades municipais, Charles Aguilar destaca a parceria na realização do evento com a Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e com o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG).

PARAISÓPOLIS com DIVINÓPOLIS

Trajatória do Clube da Esquina é celebrada em exposição no Espaço do Conhecimento

Isabelle Chagas*

Juliana Ferreira**

Entre o divino e o paraíso, a junção de duas ruas (Paraisópolis e Divinópolis) formaria a mais famosa esquina de Santa Tereza, o bairro mais boêmio da capital. Ali, nos idos dos anos 1960, reuniam-se artistas já consagrados e uns meninos mais moços. Alguns nascidos e criados na cidade grande; outros vindos do interior, na infância ou já na juventude, em busca de ganhar a vida e, quem sabe, fazer sucesso.

Um deles era Milton Nascimento, o Bituca, que, da pacata Três Pontas, no sul de Minas, veio morar no centro de uma Belo Horizonte urbanizada com ares de modernidade. Aqui, ele encontrou amigos de longa data, como Wagner Tiso, com quem criou uma banda e escreveu as primeiras canções, ainda na adolescência, e fez outros, como os irmãos Borges, Toninho Horta, Beto Guedes, Tavinho Moura, Fernando Brant e Ronaldo Bastos. Juntos, passavam tardes aprendendo música. Formaram bandas e compuseram letras e melodias: “Estão lá na esquina, cantando e tocando violão”. Era assim que Dona Maricota, mãe dos irmãos Márcio e Lô Borges, justificava a ausência dos seus meninos em casa. Naquela esquina, eles varavam noites, conciliando a vida de estudantes com os primeiros passos de suas carreiras musicais.

Da amizade, surgiram as primeiras músicas, que, por meio de misturas audaciosas, fizeram nascer uma nova musicalidade pela fusão de movimentos e tendências, à primeira vista muito distantes, como a música erudita, o jazz e o rock norte-americanos, a bossa nova, o samba, os sons da América Hispânica e as tradições do interior mineiro com fortes traços da cultura negra. Assim, deram início a um dos mais importantes movimentos musicais da segunda metade do século 20.

O Espaço do Conhecimento UFMG celebra e retoma essa história com a abertura oficial da exposição *Canção amiga – Clube da Esquina*, uma homenagem a Fernando Brant, único integrante já falecido, cuja partida completa dois anos em 2017. A mostra, que entra em cartaz no dia 14 de julho, é resultado do trabalho do Centro de Referência da Música de Minas UFMG (CRMM), que investiga as sonoridades produzidas e em circulação no estado.

Memórias

Três esquinas compõem *Canção amiga*, que aborda a trajetória dos artistas do Clube da Esquina, o contexto social e político da época e as influências e os movimentos com os quais o grupo dialogava entre 1972 e 1978, período que compreende o lançamento dos discos *Clube da Esquina* e *Clube da Esquina 2*, explica o pesquisador Bruno Viveiros, curador da exposição e integrante do Centro de Referência da Música de Minas UFMG (CRMM/UFMG).

O interesse do historiador pelo tema surgiu como admirador do movimento, materializado em sua pesquisa de mestrado sobre o Clube da Esquina. “Percebi que a nova geração de ouvintes não conhece o Clube de forma tão próxima; a ideia foi justamente dialogar com esse público e abordar a importância dos temas tratados nas composições”, afirma Viveiros. Por isso, todo o conteúdo da exposição foi pensado como forma de apresentar uma sonoridade



Acervo Clube da Esquina

Contracapa do LP que lançou as bases do movimento

diferente e criativa aos alunos do ensino básico, principal público que frequenta os museus, e como memória afetiva daqueles que viveram a época.

Bolinhas de gude rolam pelo chão, pipas são levantadas no céu, e os tempos de criança se tornam presentes: assim começa a primeira esquina, quando a infância encontra a transcendência. Na segunda, há o confronto entre realidade e utopia, marcado pela crítica a um presente de repressão e pelo vislumbre de um futuro melhor. Na terceira esquina, a primazia do encontro do urbano com o natural, da cidade com o campo, relações primordiais de muitos integrantes do movimento.

De acordo com os coordenadores e também integrantes do CRMM Betânia Figueiredo, professora do Departamento de História da UFMG, e Mauro Rodrigues, professor do Departamento de Instrumentos e Cantos da Escola de Música, a intenção foi produzir um conteúdo que fizesse o analógico dialogar com as novas tecnologias, promovendo uma interação do público por meio dos cinco sentidos. “As pessoas vão poder tocar nos objetos, sentir cheiros, ouvir sons e exercitar uma visita totalmente corporal, que vai instigá-las a sair com vontade de ouvir e conhecer mais”, explica Betânia Figueiredo.

A mostra é a primeira exposição sobre o Clube da Esquina a desenvolver uma trilha sonora específica, que conta com a direção de Mauro Rodrigues, participação de professores e alunos da Escola

de Música da UFMG e de alguns dos integrantes do Clube, como Tavinho Moura, Toninho Horta e Túlio Mourão. “Produzimos uma instalação que consiste na mixagem de arranjos meus e do Túlio em seis canais, que formam uma espécie de escultura sonora. Foi superdivertida essa experiência, além de didática, já que envolvemos os estudantes nesse processo de reconhecer as sonoridades de cada instrumento”, conta Mauro Rodrigues.

E a experiência multisensorial não para por aí: por meio de mapas, jogos e instalações em som, vídeo e imagem, o segundo e quinto andares do museu, assim como as escadas, são ocupados de maneira inovadora. A experiência é expandida em projeções na fachada digital – cuja estrutura, uma interface entre o prédio e a Praça da Liberdade, exhibe o depoimento de artistas do Clube da Esquina. No Planetário, uma sessão especialmente produzida pela equipe do Núcleo de Audiovisual do Espaço do Conhecimento UFMG promove uma experiência lúdica e imersiva nesse universo.

A composição por módulos, divididos entre todos esses espaços, facilita a interação do público e a transposição da estrutura da exposição, que, após seu lançamento no Espaço do Conhecimento UFMG, deve ser levada para diversas cidades de Minas Gerais.

Diálogo com a cidade

A exposição *Canção amiga – Clube da Esquina* é mais um dos projetos que reforçam o caráter inovador do Espaço do Conhecimento UFMG, que, em 2017, comemora sete anos de existência. Desde a sua criação, como destaca Ana Flávia Machado, diretora

científico-cultural da instituição, o museu apresenta à capital mineira exposições temporárias de produção coletiva de professores, pesquisadores e alunos da UFMG, cumprindo sua missão de divulgar a cultura científica e artística produzida no âmbito da Universidade. “Assim como o Clube da Esquina projetou a música mineira no país e no mundo, esperamos que a exposição *Canção amiga* motive o público, em especial o infantil e o juvenil, a conhecer e a admirar essa experiência singular de música, de amizade e de sonhos”, afirma.

Sonoridade das Gerais

Além da exposição, o Centro de Referência da Música de Minas (CRMM/UFMG) tem atuado na preservação do acervo do Museu do Clube da Esquina, que, há dois anos, é abrigado pela Biblioteca Universitária. Em breve, todo o material estará disponível para consulta e visitação do público. O trabalho é fruto de ação colaborativa de profissionais e pesquisadores de várias áreas, que se reúnem para estudar o Clube da Esquina e outras musicalidades de Minas Gerais.

Canção amiga – Clube da Esquina será lançada no dia 14 de julho, no Espaço do Conhecimento UFMG, e fica em cartaz até setembro deste ano. A entrada é gratuita. Para mais informações, acesse o site www.espacodoconhecimento.org.br.

*Estagiária de jornalismo do Espaço do Conhecimento UFMG

**Jornalista do Espaço do Conhecimento UFMG



Colagem que figura no álbum Clube da Esquina, de 1972: disco projetou os jovens que se reuniam no bairro de Santa Tereza para compor e tocar

PARCERIA com CONFÚCIO

Alunos do Coltec farão uma imersão de 15 dias na China, onde estudarão mandarim e visitarão centros de referência

Ferdinando Marcos

Comitiva composta de 13 alunos e dois professores do Colégio Técnico (Coltec) da UFMG partirá para a China, no dia 20 deste mês, mais especificamente para as cidades de Pequim e Wuhan, para uma imersão de 15 dias no país mais populoso do mundo. A viagem é fruto de parceria iniciada em 2014 entre o Instituto Confúcio da UFMG (IC) e o Colégio, que visa ao ensino do mandarim e à comunicação acadêmica e cultural entre a universidade e instituições chinesas.

Coordenada pela professora Fernanda Peçanha e pelos professores Francis Paiva, Eliezer Raimundo e Rosilene Siray Bicalho, essa parceria consistiu em ofertar gratuitamente o curso de mandarim e cultura chinesa para estudantes do Colégio Técnico. As disciplinas de língua espanhola e língua inglesa constituem a grade curricular da unidade, e a proposta de oferta do mandarim, em horário extra-classe, agrega ao aprendizado de línguas estrangeiras da instituição. Neste ano, a equipe do IC disponibilizou três professoras e uma coordenadora chinesa para acompanhar os alunos durante as aulas.

Os coordenadores observaram que, desde o primeiro ano, os estudantes demonstraram grande interesse pelo mandarim. A curiosidade pela cultura chinesa parece ter sido um dos fatores decisivos para a grande aceitação da disciplina, que hoje conta com mais de 20 alunos regulares. Outro ponto de destaque é o enfoque na cultura local, que divide o tempo com as aulas de gramática e promoveu, por exemplo, o recebimento de uma mesa de pingue-pongue e uma oficina de caligrafia chinesa. Essa abordagem tornou as aulas mais dinâmicas, com quatro horas de duração. As aulas são realizadas nas tardes de sexta-feira – o horário que os alunos tinham vago.

Em maio deste ano, o diretor do IC convidou estudantes e os professores coordenadores para preencher vagas para o programa Summer School 2017 – o nome é uma referência ao verão no Hemisfério Norte, que vai de 21 de junho a 23 de setembro. Na

China, os alunos farão um curso de mandarim na sede do Instituto Confúcio, em Wuhan, o Vale do Silício chinês.

Das 16 vagas reservadas ao Coltec, 15 estão sendo preenchidas por 13 estudantes de cursos como Eletrônica e Química e duas pelos professores Francis Paiva e Rosilene Bicalho. O Instituto assumiu os custos de hospedagem e alimentação, além de 50% do valor das passagens.

Visitas técnicas

Simultaneamente ao curso do idioma, os alunos também farão uma série de visitas técnicas a lugares de referência no polo tecnológico chinês. Entre eles, a Usina de Três Gargantas, maior hidrelétrica do mundo em energia gerada; o Museu Hubei, dono de um dos mais conhecidos acervos de relíquias culturais e históricas da China, e a Huazhong University of Science and Technology.

Em Pequim, os alunos terão a oportunidade de comunicar-se em mandarim, no contato com famílias locais, seus hábitos e cultura. Conhecerão também o sistema educacional chinês e realizarão um exame sobre o idioma. Por fim, visitarão, em províncias próximas, importantes monumentos da história do país como a Muralha da China e a Cidade Proibida, um dos marcos arquitetônicos da civilização chinesa.

Para a coordenadora Fernanda Peçanha, a internacionalização é um potente e diferenciado instrumento de aprendizagem. “A experiência na coordenação dos programas mencionados tem mostrado que, na educação básica, os desdobramentos da internacionalização do conhecimento são definidores para as futuras tomadas de decisões pessoais e profissionais na vida dos estudantes envolvidos, além de um aporte relevante no aprendizado linguístico-cultural, que é tema da minha pesquisa de doutoramento”, comenta.

Fernanda Camilo, 17, aluna do 3º ano do curso de automação industrial, nunca saiu do Brasil, e ainda está se acostumando com a ideia de que acordará na China daqui a alguns dias: “Estou muito animada por ser um país de costumes completamente diferentes. As aulas no curso de mandarim foram muito proveitosas, porém, são relativamente poucas para se aprender integralmente o idioma”.

Internacionalização

Nos últimos anos, o Colégio Técnico tem desenvolvido várias iniciativas de intercâmbio na educação básica, firmando-se no cenário nacional como referência de internacionalização do ensino médio técnico. Entre as rotas que já foram trilhadas, estão Alemanha, Argentina e Suécia.

Em 2010, os alunos do colégio realizaram uma imersão no país germânico. De 2012 a 2015, pelo convênio, ainda vigente, de cooperação internacional com a *Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano* (ESCMB), da Universidade Nacional de Córdoba, recebeu 32 estudantes argentinos e quatro professoras da ESCMB e enviou a Córdoba 29 estudantes e dois professoras. Nos anos de 2014 e 2015, a parceria com a sueca *Bäckängsgymnasiet* enviou 20 estudantes brasileiros a Borås e trouxe estudantes suecos.



Eliezer Raimundo e os estudantes que vão para a China em intercâmbio



Myrmecophaga tridactyla – técnica: lápis de cor sobre papel, 2015

MATEMÁTICA EM TUDO

Trabalhos desenvolvidos por alunos da educação básica, profissional e tecnológica podem ser inscritos, até o próximo dia 16, na Feira Brasileira dos Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas (Febrat), que será realizada de 23 a 26 de outubro, no campus Pampulha. As inscrições, gratuitas, podem ser feitas por duplas de alunos, sob a orientação de um professor, em link disponível na página <http://museu.cp.ufmg.br>. A quinta edição do evento vai integrar a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, com o tema *A matemática está em tudo*.

Projeto realizado pelo Centro Pedagógico da UFMG, a Febrat visa ao estabelecimento de parcerias entre as instituições federais de ensino superior, as escolas técnicas e os colégios de aplicação. Além de visitar a exposição dos trabalhos selecionados para a Feira e o Museu Itinerante Ponto UFMG, os alunos poderão participar de oficinas e outras atividades pedagógicas.

APOIO FINANCEIRO A EVENTOS

Foi divulgado no fim de junho o resultado da Chamada ICA/UFMG nº 001/2017, de apoio a atividades culturais e esportivas no campus da UFMG em Montes Claros, lançada durante as comemorações dos 41 anos do Instituto de Ciências Agrárias. Das 30 propostas apresentadas por professores, servidores técnico-administrativos e estudantes, 13 foram contempladas, sendo três propostas com valor entre R\$ 2,5 mil e R\$ 5 mil – de autoria de servidores da UFMG – e dez com valor de até R\$ 2,5 mil – de professores, técnicos ou estudantes. Entre as atividades contempladas, estão a *1ª Feira da diversidade, loga integral no campus, Exposição trajetória histórico-cultural da agricultura norte-mineira, Mostra cultural de povos indígenas* e o já tradicional *Campeonato de futsal Campus Montes Claros (UFMG)*, para homens e mulheres, que chega a sua 18ª edição. O resultado da chamada está disponível no endereço <http://bit.ly/2tp4HL8>.

ILUSTRAÇÃO CIENTÍFICA

Oficinas de técnicas básicas de desenho utilizadas na ilustração botânica e zoológica, a história e os principais temas da ilustração científica compõem a programação do Workshop de Ilustração Científica Biológica, que o Centro de Coleções Taxonômicas do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) vai promover de 17 a 21 deste mês. As inscrições terminam no próximo dia 10 e devem ser feitas no endereço <http://bit.ly/2tS39pQ>. Destinado a estudantes, professores e profissionais das áreas de biologia, comunicação, artes plásticas e visuais, a atividade requer investimento de R\$ 300.

CURSO DE CHINÊS

Até o próximo dia 10 estão abertas as inscrições para o curso de férias de língua chinesa que o Instituto Confúcio vai oferecer de 10 a 26 deste mês, com turmas divididas nos níveis Básico I, Básico II e Intermediário I. As inscrições devem ser feitas no site <http://bit.ly/2sd4Vol>, onde há mais informações sobre preços, pré-requisitos e locais das aulas.

AVERSÃO À ESCOLA

Mecanismos cognitivos, comportamentais, neurais e evolucionários que podem explicar as razões pelas quais a escola é aversiva a um número crescente de crianças e jovens serão abordados em curso destinado a estudantes de graduação e de pós-graduação e a profissionais de psicologia e das áreas de saúde e educação.

Organizado pelo professor Vitor Geraldi Haase, coordenador do Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento do Departamento de Psicologia, o curso de 20 horas, com aulas de 10 a 13 de julho, é composto de um módulo teórico e dois práticos, opcionais: Avaliação neuropsicológica e Treinamento de pais.

As inscrições se encerram em 10 de julho e devem ser feitas na internet: <http://bit.ly/2tfzWw>. O curso *Por que os alunos não gostam da escola? contribuições das ciências cognitivas* será ministrado pelo professor Vitor Haase e terá como palestrantes convidadas as psicólogas Lívia de Fátima Silva Oliveira, Maria Isabel dos Santos Pinheiro e Flávia Neves Almeida.

BOLSAS PARA EXTENSÃO

Servidores docentes e técnico-administrativos em educação da UFMG, em efetivo exercício, podem apresentar, até 1º de setembro, propostas de programas ou projetos de extensão para concorrer a bolsas no âmbito de edital de fomento. As inscrições devem ser feitas exclusivamente por meio do Sistema de Fomento de Extensão, de acordo com as orientações de preenchimento.

As propostas devem atender aos conceitos estabelecidos na Política Nacional de Extensão Universitária (PNEU). O objetivo da chamada é estimular a participação dos estudantes nas ações de extensão, contribuir para a formação acadêmica e fomentar o espírito crítico e a atuação profissional pautada na cidadania e na função social da educação superior.

O edital prevê duas modalidades de bolsas: uma destinada a estudantes de graduação participantes de ações de extensão e outra (Pbext Ação Afirmativa) exclusiva para alunos classificados socioeconomicamente pela Fundação Universitária Mendes Pimentel (níveis I a III) e discentes que ingressaram na UFMG por sistema de bônus ou cotas. É possível solicitar bolsas em ambas as categorias.

MELHORAMENTO MORAL

Em livro da Editora UFMG, filósofos sugerem interferências nas estruturas cognitivas cerebrais para evitar a autoextinção da humanidade

Ewerton Martins Ribeiro

Algumas linhas de investigação científica situam-se tão na fronteira do pensamento laico-liberal (e dos postulados éticos aos quais a academia está acostumada) que chegam a assustar, levando-nos simultaneamente ao receio e ao deslumbre. É o caso da tese defendida no livro *Inadequado para o futuro: a necessidade de melhoramentos morais*, de Ingmar Persson, professor de filosofia prática da Universidade de Gotemburgo, na Suécia, e Julian Savulescu, docente de ética prática da Universidade de Oxford, no Reino Unido. A dupla defende a realização de interferências nas estruturas cognitivas do cérebro humano para aumentar a nossa capacidade de ser solidários, sob o risco de darmos margem à autoextinção em longo prazo.

Persson e Savulescu explicam que “nosso conhecimento de biologia humana, em particular de genética e neurobiologia, está começando a providenciar maneiras de afetar diretamente as bases tecnológicas ou fisiológicas da motivação humana, por exemplo, através do uso de métodos farmacológicos e genéticos, tais como engenharia e seleção genética”. Eles se referem a pesquisas ainda incipientes, mas que já encontram forte resistência no campo ético da discussão. “A ideia de melhoramento moral assusta. Interferir nas estruturas cognitivas do ser humano soa quase como distopias literárias”, escreve Brunello Stancioli, professor da Faculdade de Direito que traduziu a obra. O tradutor defende que um dos méritos do livro é justamente o de conduzir o leitor do estágio “de forma alguma”, que advém do senso comum, para um provocativo “por que não?”.

Déficit de solidariedade

Persson e Savulescu partem da tese de que o *Homo sapiens*, devido à sua configuração cognitiva, apresenta uma série de tendências antrópicas incompatíveis com a sociedade globalizada e hipercomplexa em que se vive. “Na maior parte dos cerca de 150 mil anos de existência da humanidade, os seres humanos viveram em sociedades relativamente pequenas e coesas, usando uma tecnologia primitiva, cujo alcance era restrito ao meio ambiente do entorno próximo. Dessa forma, a psicologia e a moralidade desses indivíduos provavelmente se ajustaram de modo a torná-los aptos a viverem sob essas condições específicas”, explicam. “As condições de vida da humanidade, no entanto, foram radicalmente alteradas pela ciência e pela tecnologia, enquanto sua psicologia moral permaneceu fundamentalmente a mesma, já que essas mudanças ocorreram relativamente rápido (levando-se em conta a escala evolucionária), especialmente nos últimos séculos”, argumentam.

O resultado desse processo seria, entre outras coisas, um “déficit de solidariedade”, que nos leva a nos preocuparmos primordialmente com aqueles que pertencem às comunidades mais próximas em detrimento das comunidades amplas. “Sentimos real empatia somente em pequenos grupos. Basta pensar que um trivial acidente doméstico com um filho (um corte na testa) gera muito mais comoção *real* do que o ocorrido com centenas de milhares de vítimas de terremotos em partes do globo distantes do Brasil, como o Nepal”, explica Brunello.



Reprodução

Os pesquisadores afirmam que esse privilégio à comunidade doméstica em nossos processos empáticos se tornou um problema na medida em que a humanidade se tornou capaz de produzir armas de destruição em massa – e ainda mais agora, quando já se percebe a tendência de que, em futuro próximo, não apenas nações, mas também grupos terroristas consigam acesso aos meios tecnológicos de produção desse tipo de armamento. “A atual situação da humanidade é tão séria que é imperativo à pesquisa científica explorar as possibilidades de desenvolvimento de uma forma efetiva de biomelhoramento moral, como complemento aos meios tradicionais. Os seres humanos agora dispõem de meios que podem minar as condições de vida digna na Terra para sempre”, advertem os autores.

Livro: *Inadequado para o futuro: A necessidade de melhoramentos morais*

Autores: Ingmar Persson e Julian Savulescu
Editora UFMG

216 páginas / R\$ 41 (preço de capa)